

# O PODER DOS MUSEUS: REINVENÇÃO E FORMAÇÃO DE ACERVOS

Priscila Maria de Jesus<sup>1</sup>  
Debora Maria Silva Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

Ao refletir sobre o papel dos museus é possível associá-lo como um agente da comunicação e informação, bem como sua capacidade de reinvenção e adaptação ao longo dos séculos. O presente trabalho objetiva analisar a historicidade dos museus entendendo-os como um reflexo do seu tempo e que proporciona um espaço para a discussão de questões ligadas ao bem-estar social. Por metodologia utilizou-se a qualitativa, para a interpretação do fenômeno e o levantamento bibliográfico em periódicos e sites institucionais. O tema reflete questões levantadas em documentos como a Mesa Redonda de Santiago do Chile e a Carta de Caracas, o que permite a discussão em três eixos: o ambiental, o tecnológico e o educativo.

**Palavras-chave:** Museus. Comunicação. Informação. Inovação.

## ABSTRACT

When reflecting on the role of museums, it is possible to associate it as an agent of communication and information, as well as its ability to reinvent and adapt over the centuries. The present work aims to analyze the historicity of museums, understanding them as a reflection of their time and that provides a space for the discussion of issues related to social well-being. The qualitative method was used for the interpretation of the phenomenon and the bibliographic survey in periodicals and institutional websites. The theme reflects issues raised in documents such as the Round Table of Santiago de Chile and the Carta de Caracas, in which museum spaces and their professionals, which allow for discussion in three axes: the environmental, the technological and the educational.

**Keywords:** Museums. Communication. Information. Innovation.

## Introdução

A comemoração para o Dia Internacional do Museu, no dia 18 de maio, tem início no ano de 1977, a partir da iniciativa do Conselho Internacional de Museus

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Graduada em Museologia, Universidade Federal da Bahia. Docente do Departamento de Museologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [priscilamdj@gmail.com](mailto:priscilamdj@gmail.com) ORCID 0000-0003-4592-279X.

<sup>2</sup> Graduada em Museologia, Universidade Federal de Sergipe. Atuou no projeto de Apoio Pedagógico do Curso de Museologia, 2019/2020, participou também do projeto de extensão estudo da viabilidade da criação do museu de Maruim, certificado de curadoria da exposição As nuances das manifestações culturais Sergipanas. E-mail: [debora2217@academico.ufs.br](mailto:debora2217@academico.ufs.br) ORCID 0000-0002-6405-3561

(ICOM) ao compreender que “Os museus são um importante meio de intercâmbio cultural, enriquecimento de culturas e desenvolvimento da compreensão mútua, cooperação e paz entre os povos.” (ICOM, 2022, p. 01). Segundo dados do ICOM, no ano de 2021, mesmo em meio à pandemia e às medidas de isolamento social, cerca de 37 mil instituições distribuídas em 158 países realizaram atividades alusivas à data (ICOM, 2022).

No Brasil, a centralização das ações em alusão à data, passam a ser coordenadas e ganham uma maior visibilidade a partir da implementação da Política Nacional de Museus, no ano de 2003, que entre outras ações cria o Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN (DEMU/IPHAN) que lança as bases para a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) por meio da Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009.

Segundo o IBRAM as ações da Semana de Museus constituem em uma das ações da Política Nacional de Museus que possibilitam que os museus de todo o território nacional desenvolvam ações e reflexões a partir de um tema comum.

A Semana Nacional de Museus é uma das ações da Política Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, construída e proposta de forma articulada com o setor museal brasileiro, e que tem como propósito mobilizar os museus de todo o país a partir de um esforço de convergência de suas programações em torno de um mesmo tema. (IBRAM, 2022, p. 03).

A criação e manutenção de políticas como essa e outras para o setor museal necessitam de constante apoio e aporte de verbas dos órgãos administrativos aos quais os museus estão ligados para a sua realização. A dificuldade dos museus e seus gestores em lidar com orçamentos cada vez mais reduzidos para a sua manutenção, constitui em uma questão que impacta diretamente a preservação do patrimônio cultural e a qualidade das experiências oferecidas ao público.

Muitos museus enfrentam restrições financeiras que limitam suas capacidades de conservação, aquisição de novas peças, pesquisa e até mesmo a realização de atividades educacionais e expositivas, permitindo que exposições sejam mantidas por anos sem alterações ou ajustes. Essa carência de recursos muitas vezes resulta em um ciclo de deterioração gradual das instalações, falta de atualização tecnológica e uma redução na

diversidade de exposições, prejudicando a relevância e o impacto cultural dessas instituições e seus acervos.

Os baixos orçamentos também impactam o quadro de funcionários, levando à sobrecarga de tarefas e à necessidade de equipes reduzidas. A manutenção de um museu requer profissionais especializados em curadoria, conservação, pesquisa, educação e administração. Essa realidade é abordada por Navarro e Tsagaraki (2010) ao afirmarem que,

Quando falamos da crise dos museus na América Latina, falamos de orçamentos menores, de falta formação, políticas de administração pública que obrigam os museus a colocar os seus lucros na caixa comum do Estado sem a possibilidade de reinvestir no desenvolvimento do seu museu (Navarro; Tsagaraki, 2010, p. 52, tradução nossa).

O Brasil vivenciou, desde 2016, uma onda de desmonte do setor cultural, que culminou com a extinção do Ministério da Cultura no ano de 2020 – recriado em 2023 -, a diminuição de verba para o desenvolvimento de ações e políticas para o setor, a destruição de espaços culturais por meio de incêndios nos últimos anos, deixando o questionamento, o que cabe aos museus e qual poder é esse que se atribui à essas instituições na atualidade?

No entanto, é necessário entender como a noção ou as noções de poder podem ser pensadas para a sua aplicação nos espaços museais. Para Souza (2011, p. 104 *apud* Bartolomé Ruiz, s/a, p. 9-11) “ao mesmo tempo em que pode estar associado às práticas de dominação, o poder também ‘conota uma dimensão humana sempre criativa e, portanto, indefinível’”.

Essa ideia de suas forças opositoras que disputam um determinado espaço/lugar, simbólico ou não, dá margem para que se façam relações entre aquilo que se vai lembrar e aquilo que será esquecido, como no processo de seleção de objetos por parte das instituições museais, pois há um poder que é imbuído, por meio de seus significados, em todo objeto que adentra o espaço museal. Desta forma, Souza (2011, p. 109) destaca:

...não pode ser pensado a partir da ideia de posse, mas a partir da noção de exercício ou funcionamento. A relação estabelecida pelo pólos exercício ou luta, de um lado, e resistência, de outro, é mais

apropriada, portanto, para pensar o tema do poder que a relação propriedade ou posse de um lado, e destituição, de outro.

No que tange aos espaços museais a resistência, por meio da representatividade, lhe confere o *status* de um espaço de transformação e de lutas. Instituições seculares, os museus, ao longo da história têm assumido papéis que vão mudando, ou melhor, os reinventam, com o passar do tempo. Assim, pensar os museus enquanto espaços estáticos podem inferir o erro.

## **Metodologia**

O presente artigo tem por metodologia a qualitativa, que consiste em uma abordagem de pesquisa que se destaca por sua ênfase na compreensão profunda e contextualizada de fenômenos complexos, como é o caso da relação entre museus e poder, com foco na temática da memória (Martins, 2004). Desta forma, buscou-se explorar as nuances e as perspectivas subjacentes, utilizando-se de métodos descritivos para examinar o papel dos museus como agentes na construção e disseminação da memória cultural de uma sociedade. Ao adotar essa abordagem, foi possível compreender como os museus, muitas vezes, refletem as perspectivas e os interesses do poder dominante, moldando a memória coletiva de acordo com determinadas agendas políticas e sociais.

Como ferramenta utilizou-se a pesquisa bibliográfica, para a fundamentação teórica deste estudo. Partiu-se da análise de livros, leis e artigos sobre o tema o que proporcionou uma referencial para a discussão das dimensões legais e históricas que permeiam a relação entre museus e poder. Além de leis nacionais, buscou-se o site do ICOM<sup>3</sup> e do IBRAM<sup>4</sup> acerca do seu entendimento sobre a Semana de Museus, bem como as leis do setor museal em vigor. Complementando, realizou-se uma busca de textos com as palavras “Museus AND Poder” na Plataforma Periódicos Capes e no Google Scholar.

## **Museu: espaço de para se reinventar**

---

<sup>3</sup> <https://icom.museum/en/news/international-museum-day-2022-the-power-of-museums/>

<sup>4</sup>

<https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/eventos/20-semana-nacional-de-museus/20snm-texto-de-referencia.pdf>

Pode-se traçar uma linha inventiva desses espaços, desde o surgimento do termo *mouseion*, como morada das musas, que o relaciona com um espaço voltado para a reflexão, o pensar, na qual a parte material, tão presente hoje, era associada às oferendas que eram deixadas para as musas (Jesus, 2014). As musas, na antiguidade grega, são as filhas de Mnemosine, a deusa da memória e Zeus, são responsáveis pelas artes e ciências.

Já em Alexandria, o museu se integra ao espaço da biblioteca, e adota uma concepção de conhecimento, uma vez que “nesse espaço buscava-se ensinar tudo relacionado à religião, mitologia, astronomia, filosofia, zoologia e etc., eram reunidos tanto objetos de arte como objetos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros e materiais minerais dentre outros” (Jesus, 2014, p. 98). Posteriormente essa noção de museu vinculada ao conhecimento é retomada, mas no sentido de saber enciclopédico e cumulativo após o Iluminismo ao se nomear como *Museum* livros que apresentavam uma vasta referência sobre um determinado tema.

Mas antes, no Renascimento, surgem as coleções que dariam início aos grandes museus modernos, a exemplo do Louvre, Museu Britânico e outros, por meio dos chamados gabinetes das curiosidades ou câmaras das maravilhas. Se constituíam de objetos adquiridos pela nobreza, em geral, que atestavam seu poder econômico e político, se configurando em espaços sem uma ordem pré-estabelecida, marcados por objetos de artes, bem como aquilo que fosse exótico e diferente.

Com a criação do Ashmolean Museum, no século XVII na Inglaterra, e posteriormente a criação do Museu do Louvre impulsionado pelos ideais da Revolução Francesa – Igualdade, Liberdade e Fraternidade -, as coleções antes fechadas para um único público, passam a se inserir em uma nova lógica do ambiente museológico, com a sua abertura gradual para um público maior. Esse movimento permitiu, posteriormente, a nacionalização de coleções privadas, por meio da criação de museus públicos que se multiplicaram a partir do século XIX. (Santos, 2004).

O acesso às coleções não se constituía mais em algo exclusivo de um pequeno grupo da sociedade, mas se tornaria, em tese, aberto para toda uma nação. No século XIX tem início a era dos museus nacionais, criados para atestar e exaltar a identidade das nações em construção, reunindo coleções que contassem a história por meio do seu

acervo, se tornando “instituições dedicadas à coleção, preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos materiais.” (Schwarcz, 1993, p. 68).

Mas, o que tudo isso faz perceber? Que o poder de reinvenção dos museus é perceptível em sua própria história.

No entanto, é no século XX e com o crescente estudo dos museus e a emergência da Museologia enquanto campo disciplinar, que se há um deslocamento da observação e análise dos espaços dos museus, para englobar, também as pessoas: profissionais, visitantes e a comunidade ao seu redor. Ou seja, houve essa busca da aproximação das pessoas, com o espaço, que passa a ser sentida, também, nas suas ações educativas e, sobretudo, nas exposições.

Se para muitos os gabinetes de curiosidade são considerados as primeiras versões dos chamados museus, sua função vinha como local de acúmulo de objetos ditos exóticos ou não, com a finalidade de contemplação, até o século XX o museu ainda trazia muitas destas características consigo. O museu tinha, nesta época, uma função voltada à contemplação, um museu com narrativas um pouco mais fechadas e mesmo aqueles com pouco tempo de funcionamento ostentavam uma exposição que concentrava ou limitava sua abordagem a um único ponto de vista, com a dicotomia entre “vencedores” ou aqueles que detinham o poder de construção da informação presente nestes espaços e da narrativa oficial, e “vencido”, invisibilizados nas antigas narrativas e trazendo, assim, as características da época através da relação museu-sociedade:

Os museus são, portanto, instituições do seu tempo, visíveis aos seus contemporâneos e sempre servindo a causas de sua época. É possível constatar, e a bibliografia é farta dessas análises das expedições colonizadoras europeias que percorreram diversas regiões de todas as partes do mundo, cujas coletas referentes à natureza e às sociedades foram abrigadas nos museus; quando os embates pelos Estados nacionais se mostraram proeminentes, os museus reverberaram essas perspectivas; quando as descobertas pré-históricas evidenciaram outra humanidade, os respectivos vestígios encontraram guarda nas instituições museológicas; quando as pesquisas antropológicas e dos ramos da história natural se estruturaram, foi exatamente a partir dos museus que se projetaram em relação ao universo das ciências; quando a técnica e a tecnologia passaram a ser encaradas como um legado, essas instituições lhes deram apoio para a preservação de suas referências; quando a democratização da educação se enraizou nas sociedades, os museus serviram de grande suporte no que tange à difusão das ciências e das artes (Bruno, 2011, p. 31).

Desta forma não se pode entender a instituição museu, sem a contextualização da formação de suas coleções e das sociedades nas quais eles se encontram, uma vez que são espelhos de uma época complexa e cheia de questões que reverberam até a atualidade, é notável como estas instituições estão se reinventando e inserindo em suas narrativas outras mais inclusivas e acessíveis, considerando questões até então consideradas inapropriadas para suas salas expositivas.

### **Museus e mudança**

Os museus e suas práticas passaram por mudanças significativas nas suas formas de percepção da instituição e suas práticas, como um resultado dessa discussão e mudança, voltou-se para uma visão das demandas das sociedades nas quais estas instituições estão inseridas, tendo-se a Mesa Redonda de Santiago no Chile, de 1972, e a Declaração de Caracas, de 1992, documentos que possibilitaram uma discussão sobre o papel social do museu com a comunidade para além do museu físico. Contudo mesmo com o surgimento desta nova visão o museu tradicional não fica desacreditado, ele continua com o papel social que lhe cabe, ou seja, apresentar histórias e evocando memória, a diferença está nas várias possibilidades e narrativas que podem e devem ser exploradas pelo profissional de museu.

Nesse processo, destaca-se a Mesa Redonda de Santiago do Chile que, no ano de 2022, comemorou 50 anos e que tem por base entender o papel dos museus na América Latina, a partir de suas próprias demandas, que entre outras conclusões “consideraram que os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade” (ICOM, 1972, p. 01).

O documento significou um marco na história dos museus modernos e nas práticas museológicas, tendo desempenhado um papel crucial na mudança da percepção dessas instituições, bem como na promoção de uma abordagem mais inclusiva e participativa. A Mesa Redonda possibilitou a reunião de profissionais e estudiosos do campo museológico de diversos países, proporcionando um espaço de reflexão e debate sobre os desafios e o papel dos museus na sociedade contemporânea.

Sua importância reside no fato de ter colocado em discussão o conceito tradicional de museu como meros depositários de objetos, ressaltando a necessidade de uma mudança de paradigma, onde os museus se tornassem agentes ativos na construção da identidade cultural e no fomento do diálogo entre as comunidades e as diferentes

expressões culturais. O que possibilitou o surgimento de uma conscientização sobre a relevância dos museus em contextos políticos e sociais, bem como na preservação e interpretação do patrimônio, que ultrapassa o âmbito meramente estético, alcançando o aspecto social, no que tange às comunidades que estão ao seu redor.

Ao trazer à tona a importância de considerar as perspectivas das comunidades locais e indígenas na concepção e gestão dos museus, passa a se reconhecer suas vozes como essenciais na definição das narrativas e na interpretação das coleções, bem como seu poder no processo de transformação das comunidades e da própria instituição. O que o documento ressalta como **museus integrais**, esses têm a capacidade de formar a consciência das comunidades que servem, ligando o passado ao presente, participando de mudanças estruturais e provocando transformações nas realidades nacionais. A transformação dos museus não implica na eliminação dos museus atuais, mas sim em adaptá-los para melhor servir à sociedade, criando um equilíbrio entre tradição e modernização, tendo como foco o papel da comunidade e formas de inserir suas demandas e aspirações ao contexto museal. (ICOM 1972).

Desta forma a Mesa Redonda (ICOM, 1972) destaca que aspectos essenciais para essa relação Comunidade – Museu, a partir de uma maior acessibilidade de suas coleções para pesquisadores e instituições, promovendo a recuperação do patrimônio e a disseminação do conhecimento; a modernização das técnicas museográficas para melhorar a comunicação entre o objeto e o público, com uma abordagem prática e adequada à realidade dos países latino-americanos, desvinculando-se dos modelos europeus e norte-americanos; uma mudança da mentalidade dos conservadores e responsáveis pelos museus, bem como o aperfeiçoamento dos centros de formação de pessoal em Museologia na América Latina, por meio de cursos e formações.

Ao se ler o documento, no entanto, ainda se percebe como são atuais as suas reivindicações e questiona-se o quanto os países latino-americanos conseguiram avançar nesses últimos cinquenta anos para diminuir os desequilíbrios e injustiças apresentados no documento. Enfoque para a presença do educador nos espaços museais e seu papel social no que tange ao desenvolvimento de ações em conjunto para a educação, conscientização do desenvolvimento científico e técnico e os problemas no ambiente urbano e/ou rural.

Outro documento que completou 30 anos, a Declaração de Caracas, também discutia questões intimamente ligadas à realidade latino-americana, após todos os conflitos armados em escala mundial e como este afetou diretamente a cultura e uma determinada população. Segundo o ICOM, cabe destacar o papel de educação e, sobretudo, de acesso à informação que possibilitam os espaços museais, assim: “Que se aproveitem os ensinamentos que oferecem os meios de comunicação de massas, com sua linguagem dinâmica e contemporânea”. (ICOM, 1992, p. 253).

O objetivo era discutir a missão dos museus na região, abordando diversos aspectos, como políticas museológicas, ação social, recursos financeiros, perfil dos profissionais e a relação entre museus e comunicação. O seminário resultou em considerações e recomendações aprovadas por unanimidade, sobretudo no que se refere ao papel dos museus na América Latina e seu aspecto de comunicação.

A Declaração de Caracas foi influenciada pelas discussões postas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada vinte anos antes, que estabeleceu a base para o enfoque atual das ações dos museus na região, defendendo a construção do "Museu Integral" para conscientizar o público sobre questões individuais e sociais. Nas últimas duas décadas, a América Latina alcançou progressos significativos em relação aos museus, com iniciativas estatais, da sociedade civil e indivíduos transformando museus em órgãos vitais para a comunidade e impulsionadores do desenvolvimento. Organismos internacionais, como a UNESCO, também contribuíram para melhorar as atividades museológicas, capacitando o pessoal e promovendo a defesa do patrimônio cultural e natural (ICOM, 1992).

Um dos aspectos evidenciados na Declaração de Caracas é o contexto de desenvolvimento econômico, social e tecnológico da América Latina, onde a globalização não trouxe igualdade, mas sim divisões econômicas maiores, e problemas como endividamento, pobreza e dependência para com o governo de políticas que buscassem a manutenção da população.

O museu possui uma missão transcendental na América Latina, trabalhando em conjunto com os desafios da região para promover um desenvolvimento integral e harmonioso entre o homem, a natureza e a cultura.

A América Latina alenta uma firme esperança: é depositária de um enorme acervo de riqueza humana, estendida em um vasto território

com imensos cursos naturais e variados ecossistemas, que garantem um justo equilíbrio de imprescindível valor universal. A cultura que nos caracteriza - una e plural - foi se desenvolvendo por milénios; é produto da simbiose do indígena, do ibérico, do africano, do europeu e do asiático. Suas expressões materiais vão desde as antigas cidades indígenas, declaradas pela UNESCO como património da humanidade, e o imenso acervo dos bens móveis que se encontram nos museus e em mãos particulares, até as numerosas culturas populares e a tradição oral, ainda em plena vigência. (ICOM, 1992, p. 249)

Considerando, assim, uma população que teve seus recursos financeiros cada vez mais minados por políticas de endividamento, o que resultou em uma perda de bens materiais e imateriais, aproximar a população através do museu, este como um espaço privilegiado para a proteção dos testemunhos materiais da sociedade e seu acesso aberto para todos-(as).

No marco da realidade latino-americana, abre-se ao museu a possibilidade de um, grande espaço de actuação: o resgate da função social do património como expressão da comunidade e da cultura, entendida esta como o conhecimento integral do homem em seu quotidiano. (ICOM, 1992, p. 257).

O museu tem como principal foco a evocação da memória seja afetiva, social, econômica e/ou cultural. Desta forma, não existe um segmento no qual o museu não possa estar, entretanto, há considerações que precisam ser feitas quanto ao entorno, sejam as pessoas, o meio ambiente ou o espaço urbano no qual o museu se encontra, entender as demandas e o que é significativo, a partir da própria percepção destes, passando para uma concepção e reflexão do que a comunidade considera importante e não o que o profissional pensa que é. Essa mudança, pode trazer mudanças significativas de percepção e compreensão do grau de importância.

Cabe destacar que, ao se pensar em uma tipologia que se torne mais familiar e atrativa para a população, não exclui-se o uso de recursos expográficos diferenciados e que envolvam novas tecnologias de comunicação, a exemplo do Museu do Amanhã e do Museu da Gente Sergipana, que se destacam pelos seus recursos expositivos de interação digital. Segundo Mário Chagas (2012, p. 12):

Talvez fosse adequado, para melhor compreendê-los numa perspectiva crítica, aceitar a obviedade: os museus são lugares de memória e de

esquecimento, assim como são lugares de poder, de combate, de conflito, de litígio, de silêncio e de resistência; em certos casos, podem até mesmo ser não-lugares. Toda a tentativa de reduzir os museus a um único aspecto, corre o risco de não dar conta da complexidade do panorama museal no mundo contemporâneo.

Desta forma, é possível entender a existência de diversas tipologias de museus, bem como as complexidades inerentes a cada uma. Quanto ao processo de elaboração de exposições e construção de narrativas são praticamente infinitos, dependendo do foco ou que mensagem a instituição pretende passar. Dentro desta perspectiva, esses ambientes expositivos podem se apresentar de forma virtual, a exemplo do Museu da Maré no Rio de Janeiro, o Museu da Pessoa, museus físicos que possuem correlatos no ambiente virtual, como o Museu do Pão, o Museu do Amanhã, entre outros. Segundo Mário Chagas (2012, p. 14):

Suponho que se engana quem pensa que existe uma única possibilidade de memória e que essa possibilidade única implicaria a repetição do passado e do já produzido; suponho que se engana quem pensa que há humanidade possível fora da tensão entre o esquecimento e a memória. É essa tensão, ao contrário do que poderia parecer, que garante a eclosão do novo e da criação. O futuro também nos olha e pisca lá de dentro do passado (se é que o passado tem um dentro). O esquecimento total é estéril, a memória total é estéril.

Os museus, na atualidade, são espaços sociais por excelência, que se apoiam na tríade Acervo - Informação - Público, no qual o acervo, detentor de uma determinada informação, é transformada em uma dada mensagem, por parte de seus profissionais, para atender um determinado público, o visitante. A forma como essa mensagem será passada, cria diferentes formas de abordagens e interpretações institucionais.

### **Museus e poder: eixos ICOM 2022**

No âmbito dos museus é possível se construir diferentes narrativas ou possibilidades de comunicação a partir de um mesmo objeto, essa variação irá depender da perspectiva que o profissional de museu queira abordar. Desta forma, uma das formas de se atingir a função social do espaço do museu está relacionada com a forma com que temáticas e narrativas serão construídas dentro do ambiente expositivo,

tornando o museu um espaço de crítica, de reflexão e de denúncia para com temas sensíveis. No que se refere à representação de grupos ou comunidades minoritárias, no âmbito do museu, ou seja, o que aquela determinada população ou grupo tem como ideia de si mesma, independente se é um museu de percurso, de comunidade ou tradicional, o espaço museal tem sua função social e evocação de memória ou até mesmo sua função educativa. Segundo Marília Cury (2011, p. 27):

A comunicação museológica, ao deslocar as atenções do museu como meio para o cotidiano do público como mediador da construção simbólica, não provocou uma mudança do objeto de estudo da Museologia, o fato museal, mas fez desvelar as mediações que envolvem a apropriação e a (re)significação do patrimônio cultural e reposicionou a exposição e a ação educativa como lugares privilegiados para se analisar as mediações envolvidas.

As pessoas costumam ouvir a frase: “só conhecendo o passado, podemos entender o presente e interpretar o futuro”, uma vez que vivemos em um eterno processo de lembrar e esquecer, os museus preservam e comunicam aspectos da história passada e recente, que podem fazer o seu visitante refletir sobre quem ele é, a sociedade e o papel que cada um deve ter nela (a sociedade).

Essa característica se apoia em seu poder de comunicar, por meio de suas exposições as histórias, demandas de grupos sociais, suas resistências, dar mais um canal de voz às minorias sociais e as memórias plurais. É também colocar em discussão e para reflexão temas como racismo, gênero, desigualdade, machismo, assédio, violências, entre outros. Possibilitando que o espaço dos museus seja também um espaço de reflexão e construção de uma consciência crítica por parte de seus visitantes.

O museu não se faz apenas de objetos bonitos ou antigos, mas sim de histórias, de memórias, que contém as várias abordagens possíveis, nem sempre agradáveis e fáceis de ouvir, mas que ainda assim não podem ser esquecidas para que não se repitam.

O museu como agente da informação, pode ser visto durante a pandemia de Covid-19, quando se tornou ainda mais importante a divulgação de dados e medidas sobre prevenção da doença e explicitar o que é a desinformação existente nas redes sociais. Sim, o museu também precisou se reinventar nesse período e percebeu o quão centrado em seu espaço físico estava e o quanto precisava acompanhar novos processos de comunicação, a exemplo das redes sociais e *sites*. Percebeu o quanto ainda precisava

avançar no quesito tecnologias digitais para comunicação e aspectos legais para a veiculação de seu acervo, e passou a descobrir um novo espaço, que não era nem tão novo assim, de comunicação entre a instituição e as pessoas.

Esse processo de reinvenção, que não deve ser e nem será o último, colocou à luz o quão dependentes eram os museus dos seus espaços físicos e dos seus acervos e levantou a urgência de avançar em investimento e capacitação do corpo funcional para lidar com novas demandas impostas pela pandemia e por uma sociedade cada vez mais digital, o que deve continuar nos próximos anos.

Mas, também fez perceber a necessidade de se pensar nas histórias de tantas pessoas e culturas existentes que devem dialogar e contribuir com as comunidades locais, derrubando as possíveis barreiras existentes, sejam comunicacionais, de acessibilidade, sociais e ideológicas. Nessa perspectiva o ICOM destacou três eixos de poder para se pensar:

- **O poder de alcançar a sustentabilidade:** a crescente crise climática que se está enfrentando e a necessidade de transformar o mundo em um espaço que possa acolher a esta e às futuras gerações. Segundo a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, “Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, garantindo a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro” (WWF, s.a, p 01). Assim, não só a sociedade civil, mas também governos e empresas precisam ter consciência que os recursos naturais são finitos e que integram o mundo, cabendo às pessoas contribuir para o pleno desenvolvimento e manutenção de um *habitat* de qualidade para todos-(as);

- **O poder de inovar em digitalização e acessibilidade:** as novas tecnologias podem e devem auxiliar os museus e seus profissionais na construção de recursos que tornem seus espaços mais inovadores e acessíveis, permitindo por meio de jogos, cenografias, entre outros a compreensão de conceitos complexos e sutis, aproximando e interagindo com as pessoas de diferentes faixas etárias;

- **O poder da construção da comunidade por meio da educação:** para o ICOM (2022) os museus devem por meio de seu acervo e ações defender os valores democráticos e proporcionar o ensino-aprendizagem para todos, tornando, assim, a sociedade informada e empenhada. Somente com a educação se pode construir uma sociedade mais justa e igualitária, embora haja uma discrepância no acesso à educação, ainda hoje, políticas públicas educacionais tentam diminuir esse abismo entre os mais pobres e os mais ricos, a exemplo da política de cotas nas universidades que permite um quantitativo de vagas exclusivo para estudantes de escolas públicas, negros, pardos, indígenas, quilombolas e deficientes, tanto nos cursos de graduação, pós-graduação e concursos.

As possibilidades de discussões apresentadas a partir da relação entre museus e poder são amplas e não podem e não devem se esgotar, mas abrem margem para que os museus se engajem cada vez mais como um espaço diferenciado de informação e acesso à informação, espaço de acolher a diversidade e espaço de crítica e denúncia. Os três eixos apresentados refletem as preocupações da sociedade brasileira e mundial no que diz respeito ao seu presente e ao seu futuro, mostrando que os museus e seus profissionais estão em sintonia com as demandas e problemas da sociedade contemporânea.

### **Considerações finais**

Ainda há um longo caminho a percorrer, mas não é por ser longo e apresentar dificuldades que se deve desistir, que não se deve ultrapassar e demarcar os espaços dos museus e seus profissionais, pois ao contrário, a nossa presença é fundamental para a continuidade dos museus e de seu poder compartilhado.

Esse é o poder dos museus, um poder mobilizador, um poder informativo, um poder representativo, que deve expressar e dialogar com todos. Dentro desta perspectiva o museu é um reflexo das pessoas a quem eles servem, seja no que diz respeito ao patrimônio material e imaterial, como também no mecanismo social. Visitar um museu é adentrar o íntimo de uma sociedade e para aqueles que são moradores locais é ter o poder de comunicar e extravasar seus medos, suas vitórias e sua cultura.

### **Referências**

*Baraúnas, n° 2, V. 1, jan/jun, 2024. ISSN- 2965-3053*

BRUNO, M. C. O. Os Museus servem para transgredir: um ponto de vista a museologia paulista. SISEM. **Museus: o que são, para que servem?** Brodowski: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: [sisemsp.org.br](http://sisemsp.org.br) Acesso em: 14 jun. 2022.

CHAGAS, M. S. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos De Sociomuseologia**, 41(41), Fev 2012. Acesso em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654> Acesso em: 14 jun. 2022.

CURY, M. X. Museus em transição. SISEM. **Museus: o que são, para que servem?** Brodowski: ACAM Portinari ; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São: Paulo, 2011. Disponível em: [sisemsp.org.br](http://sisemsp.org.br) Acesso em: 14 jun. 2022.

IBRAM. **20ª Semana Nacional de Museus: o poder dos museus - texto de referência.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/eventos/20-semana-nacional-de-museus/20snm-texto-de-referencia.pdf> Acesso em: 14 mai. 2022.

ICOM. **Mesa Redonda de Santiago do Chile.** 1972. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html> Acesso em: 14 mai. 2022.

ICOM. Declaração de Caracas de 1992. **Cadernos De Sociomuseologia**, 15(15). Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345> Acesso em: 14 jun. 2022.

ICOM. **Museums have the power to transform the world around us.** 2022. Disponível em: <https://icom.museum/en/news/international-museum-day-2022-the-power-of-museums/> Acesso em: 15 mai. 2022.

JESUS, P. M. de. Uma reflexão sobre o processo de musealização: o patrimônio imaterial nos espaços museais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 48, n. 4, 23 Jul. 2014. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4633> Acesso em: 16 jun. 2022.

MARTINS, H. H. T. DE S.. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e Pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289–300, mai. 2004.

NAVARRO ROJAS, Óscar, Christina TSAGARAKI. Museos en la crisis: una visión desde la museología crítica. **Museos.es: Revista de la Subdirección General de Museos Estatales**, n. 5-6, 2010, p. 50-57. Disponível em: <https://www.culturaydeporte.gob.es/dam/jcr:450d5e21-e07f-493a-8a04-2702984a02cf/navarro-tsagaraki.pdf> Acesso em: out. 2023.

SANTOS, M. S. DOS .. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 53–72, jun. 2004.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. 4. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, W. L. Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 4, 2, 2011, p. 103-124. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v4n2p103-124> Acesso em: 15 mai. 2022.

WWF. **O que é desenvolvimento sustentável**. Disponível em: [https://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/questoes\\_ambientais/desenvolvimento\\_sustentavel/](https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/) Acesso em: 15 mai. 2022.